

Relato de Experiência:

AS LUTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Solange de Oliveira Amusquivar

E. E. Prof. Vitório José Antônio Zamarion - Campinas-SP

Esse relato de experiência aconteceu na Escola Estadual Professor Vitório José Antônio Zamarion em Campinas-SP com os alunos de 4º e 5º anos. Eu sou professora dessa escola há cinco anos e isso facilitou o mapeamento das práticas corporais, pois muitas crianças ao conversar comigo falam sobre o que fazem de atividades fora da escola. Percebi que lutas era uma prática corporal bastante falada e comentada, principalmente judô, caratê e capoeira. Percebi então que não tinha trabalhado esse tema com elas ainda, então planejei começar o ano de 2018 com esse conteúdo.

Na primeira conversa com as turmas foi realizado uma reflexão sobre o que é Luta, muitas crianças falaram que luta era “*bater em alguém, socar e chutar uma pessoa*”, então eu perguntei se luta era a mesma coisa que briga. Elas falaram que não, então começamos a pensar sobre as semelhanças e diferenças entre luta e briga. Em uma das turmas do 4º ano, uma aluna falou que entendia a luta “como sendo uma forma de defesa pessoal”. Isso possibilitou refletirmos sobre o objetivo das pessoas ao querer fazer uma luta. As respostas foram diversas como: para defesa pessoal ou para brigar, para se divertir, para saúde, para “ficar forte” ou para virar um lutador. Depois de discutir sobre o tema foi feito um levantamento das modalidades que as crianças conheciam.

Nas aulas seguintes foram realizadas algumas atividades de lutas como:

Rouba rabo: foi colocado um colete nas crianças na parte detrás da calça, como se fosse um rabo. O objetivo da brincadeira era roubar o rabo da sua dupla.

Briga de dedos ou luta de dedão: o objetivo da brincadeira era prender o polegar da outra criança embaixo do seu polegar.

Sumozinho: o objetivo era tentar derrubar o adversário.

Braço de ferro: duas crianças com o cotovelo apoiados sobre a mesa enlaçam as mãos e o objetivo era fazer com que a outra desdobre o braço.

Luta de bexiga: as crianças encheram uma bexiga e amarraram com um barbante no tornozelo. Elas fizeram duplas e tinham que estourar a bexiga da outra.

Cabo de guerra: fizemos essa brincadeira individual e em grupo. O objetivo era puxar as outras crianças do outro lado e fazê-la cruzar a linha.

Durante a atividade do cabo de guerra algumas crianças reclamaram que a luta não tinha sido justa. Isso possibilitou discutirmos o porquê não estava sendo justa e sobre o que seria uma luta justa. Perguntei também se as lutas que conheciam ou faziam eram justas.

Depois dessas atividades de luta, eu propus um trabalho em grupo. As salas possuem 30 crianças, então eu pedi para se dividirem em pequenos grupos, no total foram montados 6 grupos. Depois eu pedi para que pensassem e escolhessem uma luta. Orientei que deveriam falar sobre a modalidade e mostrar movimentos e golpes da luta escolhida. Elas tiveram tempo para organizar o trabalho durante algumas aulas.

Muitas crianças ficaram empolgadas pois faziam a luta escolhida. No grupo da capoeira uma aluna conseguiu trazer o professor de capoeira dela na escola, sendo possível vivenciar muitos movimentos e golpes da capoeira. Na aula de judô, uma aluna, que faz a luta, mostrou alguns golpes e foi possível fazer uma luta de imobilização. Na aula de caratê uma aluna ensinou para a turma o kata da faixa branca. Porém, alguns grupos tiveram mais dificuldades, principalmente quando ninguém do grupo fazia a luta, entretanto foi possível ver os golpes e imitar os movimentos através de fotos e imagens.

Além de vivenciar os movimentos foi discutido sobre as características da luta, suas regras, a história, o significado dos nomes das lutas e as categorias e as graduações. Muitas questões durante as apresentações foram levantadas como, por exemplo, a semelhança histórica da capoeira e do caratê, pois ambas as lutas foram proibidas em determinados contextos históricos.

Para finalizar, como forma de avaliação, foi proposto que as turmas fizessem uma apresentação em pequenos grupos de uma luta imaginária. As crianças usaram a criatividade e os golpes que aprenderam de diferentes lutas. Alguns grupos fizeram uma sequência de movimentos (como no Kata do caratê), alguns fizeram uma simulação de uma briga (uma demonstração de defesa pessoal) e outros simularam uma competição (com lutador, técnico e juiz).

A proposta de trabalhar as lutas foi proveitosa, pois as crianças se envolviam nas atividades, demonstraram gostar de participar das aulas e de vivenciar os golpes e os movimentos. Principalmente, as crianças que faziam alguma luta ficavam interessadas em mostrar os que elas sabiam e em ensinar umas às outras.